

SEM PEDIR LICENÇA: Epistemologias desobedientes nas universidades públicas brasileiras.

Megg Rayara Gomes de Oliveira

As políticas afirmativas implementadas nas universidades públicas brasileiras a partir de 2005, especialmente aquelas direcionadas à população negra, não vieram acompanhadas de um debate a respeito dos “processos de continuidade da colonização na esfera epistemológica” (Jessica Santana BRUNO, 2019). Assim, as narrativas que circulam no espaço acadêmico acabam contribuindo, direta ou indiretamente, para reiterar a suposta superioridade do grupo branco cisgênero heterossexual.

O silêncio em relação às epistemologias produzidas por pessoas negras cisgêneras heterossexuais e/ou LGBTIs, pode ser interpretada, como propõe o professor/pesquisador Paulo Víncius Baptista da Silva (2008), como uma dentre as inúmeras formas de operação do racismo e a LGBTIfobia. Romper com esse silêncio se faz necessário e urgente, considerando que a configuração do corpo discente das instituições de ensino superior que adotam políticas afirmativas vem apresentando mudanças substanciais, exigindo novas epistemologias e “novas pedagogias” (Miguel ARROYO, 2012) que, minimamente, rompam com posturas e narrativas colonizadoras, excludentes e hierarquizantes.

Esta palestra, então, se propõe a discutir epistemologias e pedagogias desobedientes e assim contribuir para a construção de processos formativos emancipatórios, a partir de teorias e posturas decoloniais, bem como denunciar a ausência, apagamento e menosprezo da produção intelectual de negras e negros, cisgêneros heterossexuais e LGBTI, nos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades públicas brasileiras. Considero esse debate urgente justamente por entender que as políticas afirmativas só serão completas se acompanhadas de epistemologias que contribuam para completa integração de estudantes cotistas no espaço acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologias desobedientes; Políticas afirmativas; Graduação; Pós-graduação.